

Um encontro com Liane Mozère: perspectivas pós-estruturalistas nos estudos da pequena infância

An encounter with Liane Mozère: post-structuralist perspectives in early childhood studies

Ana Cristina Coll Delgado¹

Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Brasil

Resumo

A socióloga Liane Mozère tem se dedicado, por mais de trinta anos, às pesquisas com crianças de zero a três anos e com profissionais de creches. Ela tem várias publicações sobre infância e gênero e, desde 2002, começou a pôr em evidência, nos seus estudos, os conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, com os quais trabalhou durante anos, além das referências decorrentes de seus encontros com Michel Foucault e René Schérer. Neste texto, apresento algumas reflexões extraídas das leituras de artigos dessa autora, uma vez que temos poucas produções no Brasil sobre bebês e crianças bem pequenas com ênfase nos estudos pós-estruturalistas.

Palavras-chave: pequena infância; estudos pós-estruturalistas; creche.

Agência de fomento: CNPq

Abstract

For over thirty years, sociologist Liane Mozère has been dedicating herself to research with children from zero to three years old and with day care center professionals. She has several publications on childhood and gender and, since 2002, she began to highlight in her studies the concepts of Gilles Deleuze and Félix Guattari, with whom she worked for years, as well as the references arising from her meetings with Michel Foucault and René Schérer. In this paper, I present some reflections drawn from readings of articles by this author, since we have a few productions in Brazil on infants and very young children with emphasis on post-structuralist studies.

Keywords: Early childhood; post-structuralist studies; day care centers.

Introdução

Neste artigo desenvolvo algumas reflexões decorrentes de referências e concepções de base pós-estruturalistas, com o intuito de questionar as rotinas e relações de trabalho presentes em creches, pautadas no controle, regulação, contenção, produção e consumo. Nas creches se inicia um trabalho pedagógico de contenção dos desejos de movimento dos corpos infantis, dos choros, das manifestações de alegria e prazer, das frustrações, dos medos, assim como o tempo controlado pelo relógio, é o que pauta as rotinas de cuidado e educação com as crianças de zero a três anos.

Cada criança vive diferentes experiências desde sua chegada ao mundo e a creche pode ser um espaço de encontro, de afetos, de liberdade e expressão criativa para todos que dela fazem parte. Isto requer um trabalho dos adultos sobre eles próprios e

¹ Professora Associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL. E-mail: anacoll@uol.com.br

que viabilize a construção de micropolíticas de resistência, conforme propõe Guattari (1987). Talvez seja necessário um reencontro com a infância como condição da existência humana. Este reencontro pode produzir rupturas com as concepções usuais da falta de experiência dos que são menores do que nós em tamanho, “pois tradicionalmente se tem julgado as crianças incapazes de compreender pela não - incorporação de um repertório linguístico adulto” (LEAL, 2004, p.19 - 20).

Leal (2004) analisa a infância na poesia de Manoel de Barros como uma metáfora do novo, o que viabiliza outros pensares e fazeres na educação infantil. Abrem-se perspectivas para a criação de um pensamento menos “proprietário e sabedor, para aproximarmos-nos dos nossos vestígios de crianças, resíduos insistentes, sinais pueris daquilo que não conseguimos deixar de ser” (2004, p. 23). Sentir-se menos proprietário e sabedor parece condição para abrir-se **aos pontos de vista e forças do desejo** dos bebês e crianças pequenas. Estes conceitos foram propositalmente grifados, pois são problematizados pela socióloga e feminista francesa Liane Mozère (1992, 2006, 2007, 2008), com larga experiência em pesquisas com crianças de zero a três anos e profissionais de creche.

Como ressaltam Brougère e Vandembroeck (2007, p.16), Liane Mozère iniciou bem antes do Movimento RECE - Reconceptualizing Early Childhood Education (Reconceitualizar a Pesquisa, a Teoria e a Prática da Educação da Pequena Infância)² a construção de uma perspectiva inovadora sobre os lugares de acolhimento da pequena infância. Esta autora propõe uma perspectiva pós-estruturalista para pensar a educação das crianças pequenas (zero a três anos), além de defender o ponto de vista delas, compreendido como uma abertura para suas forças do desejo.

Liane Mozère tem se dedicado, por mais de trinta anos, às pesquisas em creches. Ela tem várias publicações sobre infância e gênero e, especialmente a partir de 2002, começou a pôr em evidência, nos seus estudos, os conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980, 1987, 2007), com os quais trabalhou durante anos, além das referências decorrentes de seus encontros com Michel Foucault (1984) e René Schérer (2002). Apresentarei algumas reflexões extraídas das leituras de artigos dessa autora, uma vez que temos poucas produções no Brasil sobre bebês e crianças pequenas com ênfase nos estudos pós-estruturalistas.

Pequena Infância: para além da impotência e incompetência

Para Liane Mozère (2008), bebês e crianças pequenas têm sido identificados com base na fragilidade, na incerteza e dependência. Desde sua vinda ao mundo, os bebês são pensados em relação ao que lhes falta, e são os adultos que vão progressivamente combater e compensar tais privações. Mozère (2008) menciona os rituais de nascimento, como os batismos, as manipulações, as indumentárias e outros, que configuram

2 Trata-se de um movimento que surgiu a partir de colóquios nos EUA e que Tobin (2007) caracteriza como um movimento de resistência frente à dominação de um modelo totalitário dentro da educação pré-escolar. Um modelo dominante tanto na pesquisa quanto na prática, de uma visão instrumentalizada da psicologia do desenvolvimento da criança. Estes autores trabalham com as teorias pós - estruturalistas a fim de colocar em causa os princípios de base, ou os fundamentos do paradigma da modernidade. Eles reconhecem as relações entre saber e poder, pois a educação das crianças pequenas tem múltiplas significações e assim todo saber está ligado a um ponto de vista e toda experiência deve ser submetida à interpretação. Eles compartilham pontos de vista com os estudos culturais, estudos feministas, coloniais e pós-coloniais, estudos de gênero e *queer* que expressam as muitas ancoragens, ao mesmo tempo práticas e teóricas, dessas contestações (BROUGÈRE; VANDENBROECK, 2007, p.10).

as primeiras etapas para a entrada na vida e introduzem disciplinas e injunções encarregadas de enquadrar e conformar os corpos e almas dos recém-nascidos.

No século XX, os saberes da psicologia e da psicanálise definiram os estágios do desenvolvimento, que a autora define como os tutores morais que balizam e circunscrevem as idades da vida dos pequenos, concebidos como seres incompletos, que devem ser guiados contínua e linearmente para tornarem-se adultos completos, em um harmonioso desenvolvimento, até atingirem o estágio genital de Freud.

Ela rememora, contudo, outros olhares que já haviam se pronunciado desde o século XVII com sensibilidade para a pequena infância, como é o caso de Comenius, que inaugurou, com a l'École du Giron Maternel, uma ideia de criança não como um receptor passivo, mas como alguém que possuía os princípios fundamentais que lhe permitiriam adquirir conhecimentos. A criança deveria ser acolhida entre outras crianças e o adulto lhes acompanharia. Estas intuições de Comenius influenciaram os médicos do século XVIII a uma exortação da liberdade de movimento dos bebês, com o questionamento de hábitos como o uso do *maillot* de banho. Rousseau também posicionou-se contrário as práticas que tolhiam os movimentos, preconizando a liberdade dos recém-nascidos “deixem que eles desenvolvam seus membros e vocês constatarão como se reforçam dia a dia” (MOZÈRE, 2008, p.2).

Liane Mozère também faz referência a Friederich Froebel, um jovem órfão de mãe, bastante sensível e sonhador, que, após ter feito um estágio com Jean-Henri Pestalozzi, criou o jardim de infância no século XIX, com a defesa de que é pelo jogo que a criança aprende e se constrói. A criança pequena, uma jovem planta, que semeada via jogos adaptados iria tornar-se ator de seu próprio desenvolvimento.

No final da Segunda Guerra Mundial, numerosos órfãos eram acolhidos em instituições europeias e o higienismo predominava, com exagerado controle dos corpos, dos cuidados e das refeições. A socióloga destaca que René Spitz, um pediatra vienense, denunciou crianças abandonadas à própria sorte, balançando-se mecanicamente em suas camas, com os olhos fixos no vazio. Este mal do hospitalismo, segundo o pediatra, tinha sua gênese nos cuidados impessoais e mecânicos que eram pródigos nas instituições coletivas. Ele descreveu as carências que daí resultavam como irreversíveis e, junto com outros pensadores da época (como a psiquiatra francesa Jenny Cauby Roudinesco), percebia estas crianças como carentes, preconizando que a única compensação possível consistia em oferecer-lhes os meios para a substituição das figuras familiares.

Como não existe uma linearidade histórica em termos de compreensão e sensibilidade voltadas à pequena infância, observa-se um vai-e-vem de ideias retrógradas e outras mais avançadas que podem suceder-se no mesmo período.

Assim, na mesma época, a pediatra Emmy Pickler, com uma inversão radical do olhar, elaborou uma concepção revolucionária da pequena infância em um orfanato em Budapeste, na Rua Lóczy (2011). Emmy Pickler defendia que era preciso imaginar e construir, na prática, dispositivos capazes de oferecer às crianças segurança, afeição e atenção, partindo sempre que possível das suas **próprias forças de vida** e da sua **potência de agir**. Esses termos grifados não faziam parte do vocabulário de Emmy Pickler, mas Liane Mozère os utiliza porque considera que eles formavam a filosofia que predominava em Lóczy. Os adultos de referência, que se ocupavam de duas a

três crianças, mantinham com elas uma relação privilegiada em três momentos: as refeições, o banho e o sono. Durante esses momentos eles estabeleciam uma interação intensa com as crianças, tanto verbal como corporal. Cada ação empregada era comentada e prolongada pelo maior tempo possível com os próprios movimentos corporais das crianças. Jamais eles exigiam um movimento que elas não pudessem fazer e um ponto crucial era confiar nas suas capacidades e acompanhá-las.

Liane Mozère explica que quando pesquisadores visitam uma creche baseada na experiência Lóczy, eles se surpreendem com a extrema agilidade das crianças que, salvo se manifestam um pedido de ajuda, não conhecem as intervenções habituais dos adultos: *atenção, não toques, senta, isto é perigoso etc.* Argumenta que se percebe a maneira fluida como elas se movimentam, como inventam caminhos para pegar objetos aparentemente inacessíveis e como brincam juntas ou sozinhas. São crianças autônomas, mas não estão abandonadas pelos adultos, os quais sabem estar disponíveis quando preciso.

Na visão da autora, outros progressos científicos se sucederam e questionaram a suposta indigência dos bebês e crianças pequenas, como os estudos de Daniel Stern (2003), um aluno de Piaget, que revelou as competências desconhecidas do recém-nascido nas primeiras horas da sua existência. Ele constatou que o recém-nascido é capaz de discriminar muito precocemente o seu eu das outras pessoas e de compreender que todo comportamento desencadeia outro comportamento. A descoberta desta capacidade de iniciativa do recém-nascido perturbou as concepções que até então prevaleciam. Ela recorda que o bebê era frequentemente considerado como um tubo digestivo e que a maioria dos médicos sustentava que os recém-nascidos não sentiam dor e que seus choros eram reflexos. Contudo, na contracorrente dessas suposições, Françoise Dolto (1985) defendia que o bebê é uma pessoa, o que testemunhavam os casos clínicos citados em seus trabalhos. Enfim, para Liane Mozère (2008) foram descobertas no bebê, as possibilidades que ele mesmo pode criar.

O conceito devir-criança

Liane Mozère aposta em espaços-tempos onde os adultos são suscetíveis de experienciar um devir-criança (2007). Suas ferramentas teóricas encontram-se na obra *Mil Platôs* de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980) que, com o conceito de devir-criança, rompem com a criança dos pedagogos, dos psicólogos, dos psicanalistas, dos juízes e dos especialistas em infância, a criança na qual não mais circulam os fluxos de infância.

Segundo Guattari (1987, 2007), é desde a infância que se instaura a máquina de produção da subjetividade capitalista, e assim se produz o homem que não muda de forma desde a infância, que sonha com a figura majoritária do homem branco e heterossexual. Esta figura majoritária será implantada na subjetividade da criança, como suporte de certa modelagem da realidade e que funciona de maneira binária, definindo o que é aceitável e tolerável. Um sorriso, um sexo, uma cor de pele devem imediatamente ser traduzidos e totalizados em uma figura central e universal.

Liane Mozère também se inspira no filósofo Spinoza que contesta a ideia do homem pronto e independente, o falso adulto, que representa para ele uma quimera. Então, se a infância não é nem privação, nem miséria, é portanto dela que convém se reiniciar.

A infância, longe de ser impotência, é eclosão progressiva, dolorosa e dramática da potência de agir.

Em uma pesquisa com 25 crianças pequenas acolhidas em uma creche, a socióloga pode observar e filmar, durante vários meses, o que via e compreendia acerca das singularidades e das experimentações de cada uma das crianças. Tal caminho lhe permitiu desvencilhar-se de uma visão adulto centrada, colocar-se ao lado das crianças pequenas e aceder aos seus pontos de vista. É neste sentido que seus primeiros tateamentos no movimento da pesquisa sobre a primeira infância entraram imediatamente em ressonância com o conceito de devir-criança, desenvolvido por Deleuze e Guattari (1980).

O devir-criança não é a busca da criança que fomos, mas um apreender os fluxos de infância e os blocos de infância, que se encontram presentes tanto nas crianças como nos adultos. Trata-se para Mozère de uma aventura arriscada, pois os adultos nela engajados necessitam de um esforço permanente, uma vez que prevalecem as formações de poder e de saber.

Para afirmar que o devir-criança não é imitação nem identificação, mas uma busca dos blocos de infância, a autora cita René Schérer: “o bloco é a infância preservada, resistente, emergente, como um *iceberg*; a infância brilhante como um cristal que resiste a toda corrosão e ameaça” (2002, apud MOZÈRE, 2007, p. 4-5). A infância não como lembrança, mas em devir, precisamente, na orientação criativa. René Schérer também recorre a Goethe no poema Elegia de Marienbad: “onde tu sejas, sejas todo inteiro como uma criança - então tu serás invencível” (2002, apud MOZÈRE, 2007, p. 5).

Não se trata de um retorno à infância, da criança que nós fomos, da criança molar da qual o adulto é o futuro. “Será a infância, mas não deve ser a minha infância”, uma frase da escritora Virgínia Woolf lembrada por Mozère (2007, p. 5). É neste sentido que o devir é um processo de desejo, um modo de individualização muito diferente de uma persona; para Deleuze e Guattari (1980) é como se fosse uma estação, um inverno, um verão, ou um momento em que temos uma individualidade perfeita, em que não sentimos falta de nada a ser preenchido.

A criança é um ser em devir. A infância torna-se, portanto, coextensiva à vida inteira e é preciso considerá-la como um modo particular que se situa para além de toda memória, dos lamentos e saudosismos, que muitas vezes redundam em afirmações de que as crianças de hoje são privadas de infância.

Liane Mozère aposta na mobilização de outros modos de subjetivação, compreendendo as aprendizagens das crianças, tanto pela observação, como pelo engajamento que permite que os adultos sejam afetados pelo que elas produzem.

A autora questiona se as respostas que damos às crianças não suturam as linhas de fuga dos seus desejos e se, quando nos perguntam “o que é isto?”, não convém perguntarmos a elas “e tu, o que pensas que é?”. Em geral existe uma hipótese e ela é rica, intensa e indica uma conexão já delineada.

Uma criança de dois anos, quando tenta organizar seu mundo, construir sua própria maneira de perceber as relações sociais, de apropriar-se das relações com as outras crianças e com os adultos – esta criança participa, à sua maneira, da resistência molecular, conforme defende Liane Mozère.

Enfim, considerar o ponto de vista das crianças significa que se pensa nelas como potências. A infância não é privação, miséria, é eclosão, positividade. Segundo Spinoza, progredir é aprender a perseverar no seu ser. Se quisermos, como propunha Guattari, evitar que bebês e crianças bem pequenas se conectem às semióticas dominantes a ponto de perderem muito cedo sua liberdade de expressão, aqui temos uma micropolítica, a dos devires, conforme Mozère tem argumentado nos seus trabalhos mais recentes.

O ponto de vista das crianças pequenas ou uma abertura para suas forças do desejo

Mozère utiliza o aporte teórico das feministas anglo-saxônicas, para defender o ponto de vista das crianças de zero a três anos, com um trabalho de estudo e pesquisa conduzido em creches da região de Paris desde 1971, bem antes do desenvolvimento da sociologia da infância (BROUGÈRE; VANDENBROECK, 2007)³.

Inicialmente ela questiona o que significa posicionar-se ao lado das crianças pequenas, se como adultos nossas percepções e representações são produzidas por dispositivos de saber-poder, em espaços-tempos determinados e com uma dada função social (Idem, 2007, p.165). É na *Standpoint Theory* das feministas anglo-saxônicas, que ela encontra inspiração para uma teoria do ponto de vista das crianças de zero a três anos, da escuta das suas vozes, do olhar e percepção dos seus desejos (Idem, 2007, p 165-167).

Liane Mozère também inclui nas suas proposições, às lições da psicanalista francesa Françoise Dolto (1985), que defende que é preciso perguntar a criança, sobre os sentidos que ela confere aos termos que utiliza. Isto supõe tratar com seriedade suas linguagens, para evitar as visões adultocentradas, criando assim uma empatia com seus pontos de vista. Para Mozère, o adulto pode se iludir quando pensa descobrir através do espelho, uma verdade mais pura daquela que é vivida pelas crianças pequenas. O desafio é definir com precisão qual é o ponto de vista que nós adultos adotamos para entender o ponto de vista das crianças (2007, p. 167).

Neste sentido é preciso enfrentar as ambiguidades que cercam nossos pressupostos sobre o que vivem e experienciam as crianças pequenas. São as análises de Foucault sobre o poder (1984), como uma força que se exerce em pontos múltiplos que permitem a Mozère ampliar seus argumentos. Todavia, ela explica que o aporte foucaultiano se enriquece das conceitualizações de Gilles Deleuze e de Félix Guattari (1980), pois ainda que os dispositivos de controle não tenham desaparecido, a sociedade capitalista atual funciona de outra maneira, pela disseminação e impregnação capilares. Assim, o conformar as singularidades não pode se produzir de maneira mecânica ou linear. Noutros termos, não há de um lado o capital e de outro lado o desejo que será reprimido, mas uma relação sempre hábil entre eles. O desejo para Deleuze e Guattari é político, social, econômico e cultural, ou seja, tudo o que se joga no viver juntos e que faz a sociedade (DELEUZE; GUATTARI, 1980 apud MOZÈRE, 2007, p. 168).

3 Nas palavras da autora trata-se de uma elaboração sociológica sobre o conhecimento do universo da pequena infância através de um trabalho de terreno meticuloso e micro sociológico, conduzido num período de mais de três anos, que permitiu analisar a experiência das crianças pequenas como uma ilustração da sua potência de agir e em seguida como uma criação de situações, de relações e de experiências (2007, p. 172).

Como o desejo para estes autores é político, toda irrupção do desejo coloca em risco os equilíbrios e modos de regulação capitalistas. As forças vivas do desejo, Deleuze e Guattari (1980) denominam de linhas de fuga e estes fluxos não permitem que o capital persiga sua empresa de controle sobre a sociedade. Assim, todo processo de castração dos desejos engendra irremediavelmente outras linhas de fuga que criam espaços tempos nos quais podem se desenvolver novas possibilidades de resistência a tudo que aprisiona (MOZÈRE, 2007, p.169).

O capitalismo procura de forma incessante controlar a força criativa destas linhas de fuga a fim de extrair o *quantum* de vitalidade mínimo para a sua manutenção. Como já argumentei anteriormente, segundo Mozère a criação dos pedagogos, dos psicólogos, dos juízes é a rejeição das forças do desejo, que faz com que na criança não emane mais algum fluxo da infância, o que produz um assujeitamento as normas e aos valores dominantes e que colocam em ação as semióticas dominantes que contaminam as percepções e os afetos (DELEUZE; GUATTARI, 1980 apud MOZÈRE, 2007, p. 169).

O assujeitamento as normas e aos valores dominantes aciona um sistema de semiotização e disciplinas que contraem o corpo, e que contaminam e investem, de maneira infinitesimal, sobre as percepções e os afetos mais íntimos. É desde a infância que se instaura a máquina de subjetividade capitalista, desde a entrada da criança no mundo das linguagens dominantes, com todos os modelos tanto imaginários quanto técnicos nos quais ela se deve inserir (GUATTARI; ROLNIK, 2007 apud MOZÈRE, 2007, p. 169).

O que Mozère nos instiga a pensar é como podemos apreender uma *standpoint* (ponto de vista) das crianças, suscetível de escapar desse controle. Por conseguinte, ela entende que acompanhar e observar as crianças pequenas nas creches permite pela pesquisa empírica perceber as forças singulares de desejo que elas manifestam. Entender o que as crianças dizem de seus desejos, que meios elas percorrem para garanti-los é uma possibilidade de abertura. Assim, os familiares, professoras/es, auxiliares e outros adultos podem escolher entre abrir ou fechar as portas para as forças do desejo das crianças, permitindo ou não, que elas escapem dos assujeitamentos (MOZÈRE, 2007, p. 170).

Isto não significa proteger artificialmente as crianças do mundo exterior, ou de criar para elas um universo abrigado da realidade social. Mas é possível ajudá-las a enfrentar a sociedade e seus instrumentos de modelagem dos desejos. Com base nesses autores, Mozère propõe uma micropolítica engajada nas forças do desejo das crianças pequenas, um trabalho que também pressupõe um engajamento dos adultos e que pressupõe correr riscos frente aos seus próprios desejos (Idem, 2007, p. 171).

Este trabalho dos adultos sobre os seus desejos implica experimentar de maneira construtiva, contextualizada, específica e singular uma atitude reflexiva e política, uma “micropolítica”. Aceitar o outro, se aceitar, se deixar surpreender, se desestabilizar pressupõe correr riscos e estamos todos implicados nesse processo de questionar nossas atitudes frente às crianças, no sentido de possibilitar ou impedir que elas possam expressar seus modos singulares de subjetivação.

Um último ponto interessante a destacar é que para Mozère as crianças, suas trajetórias, seus ritmos de vida, seus afetos não podem ser percebidos individualmente, mas nas relações complexas e múltiplas que elas estabelecem no grupo. Um grupo

não é a expressão de fenômenos individuais, mas a expressão de afetos e desejos em circulação entre crianças e adultos. Este grupo também não está desconectado do mundo, de outros universos de encontro, seja nas redes familiares, nas redes de vizinhança ou em outros contextos sociais (Idem, 2007, p. 174).

Conclusões

Um trabalho reflexivo dos adultos pode favorecer a potência de agir das crianças e deles próprios na organização do cotidiano das creches. Os adultos também precisam sentir-se autores e atores das experiências partilhadas com os bebês e crianças pequenas, pois reproduzir atividades e rotinas de regulação e controle produz sentimentos de desgaste, frustração, sofrimento e culpa.

Uma formação cultural e aberta para outras estéticas e olhares sobre o mundo, provavelmente potencialize interações com as crianças pequenas, focadas na escuta, observação e percepção dos seus desejos de movimento, do brincar, de experimentar, tocar, cheirar e viver novas experiências com o corpo todo.

Um encontro entre adultos e crianças é pleno de desvios e riscos, e sentir o gosto do inesperado talvez seja um caminho para que junto delas possamos criar micropolíticas que escapem das semióticas dominantes, no sentido proposto por Guattari (1987). Quem sabe esta citação de Leal (2004, p. 22) possa inspirar outras vivências mais transgressoras, que tenham as marcas e expressões dos bebês e crianças pequenas nas creches:

“Se não há mais o que dizer sobre a infância, talvez tenha chegado o momento de aprendermos com as crianças o que a infância tem a nos dizer. Talvez a infância, assim como a poesia, não precise ser analisada, mas sentida. “Sofro medo de análise”, afirma o poeta Manoel de Barros. As crianças parecem repeti-lo em segunda voz”.

Referências

BROUGÈRE, G. ; VANDENBROECK, M. Pourquoi de nouveaux paradigmes? In: BROUGÈRE, G.; VANDENBROECK, M (dir.). **Repenser l' éducation des jeunes enfants**. Bruxelles: Éditions Scientifiques Internationales, 2007.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mille plateaux**. Capitalisme et schizophrénie. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

DOLTO, F. **La cause des enfants**. Paris: Éditions Robert Laffont, 1985.

FALK, J. **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczi. 2ed. São Paulo, Junqueira & Marin, 2011.

FOUCAULT, M. **L'Usage des plaisirs**. Paris: Gallimard, 1984.

GUATTARI, F. As creches e a iniciação. In: **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo : Brasiliense, 1987.

GUATTARI, F.; ROLNIK S. **Micropolitiques**. Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 2007.

KOHAN, W. (org.). **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LEAL, B. Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros. In: KOHAN, W. (org.). **Lugares da infância:** filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MOZÈRE, L. **Le Printemps des creches.** Histoire et développement d'un mouvement. Paris: L'Harmattan, 1992.

MOZÈRE, L. "Du côté" des jeunes enfants ou comment appréhender le désir en sociologie? In: BROUGÈRE, G. ; VANDENBROECK, M. (dir.). **Repenser l' éducation des jeunes enfants.** Bruxelles: Éditions Scientifiques Internationales, 2007.

MOZÈRE, L. Le défi d'une sociologie de la prime enfance. In: SIROTA, R. (dir.). **Éléments pour une sociologie de l'enfance.** Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2006.

MOZÈRE, L. On n'apprend pas à un enfant à marcher. **Le Portique** [en ligne], 2008, mis en ligne le 05 juin 2010, consulté le 16 février 2012. URL: <http://leportique.revues.org/index1783.html>

MOZÈRE, L. Devenir - enfant. **Le Portique** [en ligne], 2007, mis en ligne le 07 novembre 2009, consulté le 16 février 2012. URL: <http://leportique.revues.org/index1375.html>

SCHÉRER, R. *Enfantines.* **Anthropos.** Paris, 2002.

STERN, D. **Le monde interpersonnel du nourrisson.** Paris: PUF, 2003.

TOBIN, J. Rôle de la théorie dans le mouvement reconceptualiser l'éducation de la petite enfance. In: BROUGÈRE, G. VANDENBROECK, M. (dir.). **Repenser l' éducation des jeunes enfants.** Bruxelles: Éditions Scientifiques Internationales, 2007.